

ZSYMON BRAND BURSZTYN¹

(Studzianki, Polônia, 1934; S. Paulo, Brasil, 2012)



Szymon Brand Bursztyn. La Paz, 4 de
novembro de 1953.

Fonte: Ficha consular de qualificação.
Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/
Leer-USP.

1 Entrevista concedida por Szymon Brand a Rachel Mizrahi e Lilian Souza, pesquisadoras da equipe de História Oral do Arqshoah/SP. S. Paulo, 20 de maio de 2009. Gravação em áudio. Transcrição: Lilian Souza. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Tucci, Nanci Souza e Rebeca Paixão Moura.

Minha infância na Polônia

Meu nome completo é Szymon Brand Bursztyn, nasci em 5 de julho de 1934 em um local que não era bem uma cidade, pois ficava a 14 quilômetros da cidade principal: Studzianki, na Polônia. Meu pai chamava-se Jankiel Brand e o nome de solteira de minha mãe era Rayzla Bursztyn. Éramos em quatro filhos, sendo eu o caçula. Minha irmã mais velha chama-se Mindla (em português Maria, já falecida), a segunda Ana (Andzia, também falecida) e a terceira Esther.



Studzianki (Polónia), local de nascimento de Szymon Brand.
Google Maps.

Morávamos em Studzianki por causa dos negócios que meu pai tinha naquela época. Aquele era um povoado bem grande, ocupado por fazendas e fazendeiros, onde meu avô materno e meu pai mantinham um moinho de cereais. Ali faziam negócios com os poloneses, mas tudo na palavra. Naquela época era tudo na palavra, sem precisar de qualquer assinatura no papel. Minha avó tinha uma padaria onde fazia pão para a família, que era grande. Faziam bons negócios, garantindo uma boa posição econômica para a família. Meu avô criava cavalos e vacas nesse tipo de fazenda pequena. Meu pai comercializava sementes e os moradores da redondeza vinham moer trigo no moinho dele.

Nessa região nós éramos a única família judia. Ali não tinha mais judeus. Não havia sequer uma sinagoga no povoado, não. Rezávamos na casa de minha avó, pois antigamente era assim. Mesmo durante as grandes festas tudo acontecia na casa dela. Lembro-me apenas que nossa casa era de madeira com teto de zinco, pintado de vermelho.

Tempos de mudanças

Tudo mudou quando os alemães invadiram a Polônia. A primeira coisa que fizeram foi proibir as crianças judias de ir à escola. Eu não tenho vergonha de dizer isso porque praticamente sou meio analfabeto, pois não frequentei a escola. Estudei um pouco de hebraico. Em 1941, eles distribuía panfletos convocando os judeus para se apresentarem diante das autoridades nazistas na cidade mais próxima. Assim faziam para enviá-los aos campos de concentração. Quem não se apresentasse corria o risco de ser fuzilado. Tínhamos de respeitar isso. Deveríamos nos apresentar na cidade de Kraśnik. Ali, meu pai conhecia um médico polonês que era meio fazendeiro e costumava fazer muito negócio com ele. Decidiu falar com esse médico porque ninguém sabia quanto tempo iria demorar essa ordem alemã. Todo mundo pensava que era provisória. Então, meu pai pagava todo mês para ele nos segurar lá e não sermos presos.

Ficamos abrigados na fazenda onde morava esse médico. Na Polônia havia muitas construções para guardar comida para os animais no inverno. Dentro do estábulo havia uma construção só para guardar alimentos para animais, inclusive a palha. Ali foi aberto um buraco enorme onde toda nossa família pôde se esconder. E assim foi durante mais ou menos uns seis meses, até que acabou o dinheiro de meu pai. Em uma hora dessa a amizade não vale mais nada! Me lembro como hoje! Era uma quinta-feira quando esse médico falou para meu pai:

– Jankiel, infelizmente não posso mais segurar vocês porque os nazistas deram ordens aos poloneses e quem guardar ou esconder um ou seis judeus, o castigo será a morte.

Eles matavam e incendiavam para assustar. Diante disso, os poloneses ficaram com medo de se arriscar também. Deixamos esse local na mesma quinta-feira. Isso eu nunca

vou esquecer... Era noite e estava um dilúvio. Dava pena até para deixar um cachorro sair para fora, mas nós tínhamos de sair. A gente tinha medo que ele nos denunciasse para os nazistas.

Nossa vida entre os partisans

Não muito longe desse lugar havia um bosque, creio que a uns 10 quilômetros dali, mais ou menos... Assisti a um filme [*Um ato de liberdade*] que tem cenas muito parecidas. Mesma coisa! Ficamos nesse bosque, onde encontramos mais alguns judeus, dentre os quais um comandante que havia fundado um grupo de *partisans*. Ele chamava-se Abraham Bron,^A que depois se tornaria meu cunhado, falecendo mais tarde no Brasil.^B

Ao lado dele estavam cerca de 40 combatentes judeus que haviam escapado principalmente do gueto de Kraśnik e que também operavam um acampamento familiar com cerca de 200 judeus. A grande preocupação do grupo era de encontrar comida e realizar pequenos ataques à polícia polonesa e aos postos de polícia alemães com o objetivo de conseguir armas. Depois chegaram cerca de 30 prisioneiros de guerra soviéticos, mas que escaparam. O grupo tentou uma série de ataques a trens, mas encontrou dificuldades por falta de treinamento militar que possibilitasse superar as habilidades dos alemães, muito superiores.

Junto ao grupo de Abraham Bron ficou toda minha família. Éramos seis, pois meu avô já havia falecido. Minha avó ficou conosco e sobreviveu à guerra. Na primeira semana, assim que acabou a guerra, ela faleceu, depois de todo o

A- Abraham Bron, cujo codinome era “Adolf”, liderou uma unidade nas proximidades de Kraśnik, onde se localizavam os campos de trabalho de Budzyn and Kraśnik (Skret) em 1942. As ações iniciais do grupo foram buscar alimentos e realizar ataques contra os alemães para obtenção de armas. Mais tarde, ao grupo se uniram prisioneiros de guerra soviéticos que fugiram dos nazistas. O grupo de partisans Bron criou um campo familiar na floresta, onde idosos, mulheres e crianças permaneceram sob sua proteção. No verão de 1943, as unidades da Armia Ludowa foram reorganizadas em dois grupos: batalhão 3, composto por combatentes poloneses sob comando de Wladyslaw Skrzypek, e o batalhão 4, comandado por Karol Lemichow-Herzenberger, que abrangeu a unidade de Bron e outra russa. No entanto, um plano para a destruição da unidade judaica de Abraham Bron e o assassinato de dezenove dos seus partisans fizeram com o grupo deixasse a Armia Ludowa. Herzenberger morreu em dezembro de 1943 num confronto com os alemães, e após sua morte o grupo Bron retornou à Armia Ludowa. Texto: Blima Lorber. Informações disponíveis em: <<http://chelm.freeyellow.com/partisans.html>>. Acesso em: 15 out. 2019.

B- Do grupo de *partisans* liderados por Abraham Bron, vieram para o Brasil: Abraham Bron (Kraśnik, 1902 - Brasil, 1983), Esther Brand (tornou-se Esther Sztamfater), Daniel Datum (Kraśnik, 1917-?) e Zvi Elbaum (Trzydnik, ?)

inferno que passamos. Foi aí que Abraham Bron juntou todos os *partisans* que lá se encontravam, muitos dos quais eram judeus e poloneses comunistas procurados pelos nazistas. Mas, não podíamos confiar em qualquer um. Os primeiros *partisans* eram mais ou menos 500 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.^A



Da esquerda para a direita em pé: Abraham Bron, desconhecido, Marian (Mordko) Grynbaum, Shlomo Zismelech, Yaakov Bursztyn, David (sobrenome desconhecido), desconhecido, Yosef Griezman. Sentados: Rivka Bursztyn e o marido Mordko, desconhecido, Hava Fabrikant Bursztyn (esposa de Yaakov Bursztyn). Disponível em: <<http://chelm.freeyellow.com/partisans.html>>. Acesso em: 14 out. 2019.

A- Na área, no inverno e primavera de 1944, atuavam alguns grupos judaicos e também as unidades Janowski e Wanda Wasilewska, que incluíam dezenas de judeus entre os muitos russos. Os alemães iniciaram, então, uma grande campanha *antipartisans* na Polônia. Os combates envolveram 25 mil alemães contra cinco mil *partisans*, com grande perda para os últimos. O grupo Bron teve perdas significativas na luta contra os alemães em 14 de junho de 1944, na floresta de Janow Lubelski. Algumas semanas depois a área seria liberada. Texto: Blima Lorber. Informações disponíveis em: <<http://chelm.freeyellow.com/partisans.html>>. Acesso em: 15 out. 2019.

Para defender essas 500 pessoas tínhamos apenas cinco fuzis. Isso porque a Polônia perdia a guerra. Aqueles que estavam no Exército levavam a arma para casa, escondiam atrás da janela e depois levavam para o bosque. Isso foi no começo de 1942, quando se juntaram ao grupo de Abraham Bron, *partisans* e mais armamentos. Mais gente, muitos *partisans* e até alguns russos que encontramos, juntaram-se a nós. Chegamos a ter mais de 500 pessoas e, no final da guerra, esse nosso grupo chegou a três mil pessoas.

Como garantir a subsistência de três mil pessoas num bosque? Íamos até os fazendeiros, nos apresentávamos (“Somos *partisans*... etc. etc.”). Se eles não nos dessem alimentos de boa vontade, davam debaixo das armas, à força ... Levávamos farinha e, para ter carne, levávamos também as vacas, que eram mortas nos bosques, sendo a carne distribuída para as famílias. Havia muitas crianças, muitas.

A irmã de minha mãe, minha tia Haika, que sobreviveu à guerra conosco, faleceu em Israel onde hoje está a minha família. Sim, todos, pois essa era nossa única saída, ou então se apresentar para ser levado para os campos de concentração. Assim, buscamos refúgio nos bosques onde estavam os *partisans*. Éramos seis, além de outros parentes.

Nosso esconderijo? Era o céu, o ar, as árvores e nós. Quando chovia fazíamos cabanas, como os índios. Mas tudo na base do improvisado, com galhos e folhas de árvores. No inverno a mesma coisa: dormíamos com a roupa do corpo! Minha mãe fazia comida à noite, e se sobrava madeira, ela acendia para a gente dormir no quente. Era um frio louco! Não levamos objetos para o bosque. Tínhamos apenas algumas roupas e olhe lá! O dinheiro que meu pai tinha durou seis meses.

Eu era ainda uma criança com dez anos, por aí. No dia a dia, me ensinaram como montar, desmontar e limpar as armas: fuzis, revólveres, metralhadoras e também granadas. Eu tinha, lógico, que fazer o meu serviço, que era esse. Aprendi a me orientar no bosque, onde parece tudo igual. Quando eles iam buscar comida, costumavam me levar junto para aprender o caminho. Tanto é que tenho até hoje um ótimo sentido de localização. Não aprendi sozinho: eles me mostravam as armas, mas não me davam as balas não, apenas as armas para limpar e desmontar.

Depois vieram – isso contando sobre a minha vida nesse bosque – os alemães. Eles sabiam que ali estavam os *partisans*, mas tinham medo de entrar. No começo da guerra, ainda eram poucos os *partisans*. Haika, a irmã de minha mãe, tinha quatro filhos, sendo o maior com a minha idade. Quando chegaram os alemães nazistas com a polícia polonesa, precisamos fugir. Assim, saímos do bosque: eu, meu pai e uma irmã minha. As outras duas irmãs a gente não sabia onde estavam. À noite, quando voltamos, vimos toda a desgraça: os quatro filhos de tia Haika, meus primos, foram mortos na hora, lá no bosque.

O bosque era muito pequeno, fácil de cercar e pegar todo mundo, e quem comandava era Abraham Bron. Não podíamos ficar mais tempo neste local, era muito perigoso. O bosque era muito pequeno, muito pequeno para tanta gente. Certa noite, saímos desse bosque e fomos para outro bem maior, indo da Polônia até a fronteira com a Rússia. Esse outro era bem grande e ali os alemães não entravam, mas vinham com aviões disparando suas metralhadoras e tal.



Da esquerda para a direita, os *partisans* Abraham Bron, Hersh Brenner e Yosef Grosman, c. 1943. Fotografia não identificada. Disponível em: <<http://chelm.freeyellow.com/partisans.html#12>>. Acesso em: 15 out. 2019.

Para este novo bosque fomos em grupos, como no filme, sem ter muita coisa diferente. Sobrevivemos juntos: meu cunhado Abraham Bron, meu primo Berish Bermann e um terceiro que era russo. Sabia bem o nome dele, mas deixamos para depois. Esses três comandavam todos os *partisans*, dentre os quais muitos eram poloneses comunistas. Quando descobriram que um deles era pró-nazistas, pegaram o comandante deles e mataram. O russo falou assim:



Wanda Wasilewska, s.l., s.d. Fotografia não identificado.

Warsaw Uprising Museum. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/archive/8/87/20140422084040%21Wanda_Wasilewska_2.JPG>. Acesso em: 15 out. 2019.

– Esse aqui tem de ser liquidado logo! Todos que forem contra os judeus ou contra os *partisans* devem ser eliminados para os outros terem medo. Fizeram uma vez um levante contra os judeus, isso logo no começo, no boque pequeno, envolvendo um grupo polonês e um grupo de judeus. Eles estavam contra os *partisans* poloneses comunistas, mais assassinos do que qualquer outro, pois eram procurados pelos alemães. Stalin não era melhor que Hitler, sabem disso? Stalin matou muitos judeus e não judeus. Com relação aos poloneses antisemitas, não fizeram nada, pois a luta era entre os *partisans* judeus e os poloneses comunistas. Os russos eram a favor dos judeus, e os poloneses antisemitas, aqueles que sobreviveram, foram mortos depois. Dois irmãos da minha mãe foram mortos neste levante.

Nesse bosque grande encontramos mais *partisans* russos, que eram de um grupo criado por uma mulher chamada Wanda Wasilewska^A, atuante na fronteira entre a Polônia e a Rússia, onde enfrentavam os alemães que lá estavam. Depois, quando fizemos contato com eles tentando falar com Wasilewska, eles (os russos) nos mandaram um rádio e oficiais para dirigirem os *partisans*, além de vários tipos de armamento. Como eles eram um tipo de exército organizado, tinham aviões, e assim conseguiram mandar tudo usando paraquedas. No entanto, nosso comandante precisava falar russo diretamente com o outro comandante, comunicando-se pelo rádio. Esses *partisans* russos não estavam contra Stalin, não. Eles estavam ali para defender a Rússia contra a entrada dos alemães, porque não houve oposição a Stalin; quem era contra ele, mandavam liquidar.

A- Wanda Wasilewska nasceu em Cracóvia em 21 de janeiro de 1905 e faleceu em Kiev em 29 de julho de 1964. Foi uma importante romancista e ativista política comunista polonesa e soviética. Ajudou a criar uma divisão polonesa do Exército soviético durante a Segunda Guerra Mundial e integrou o Exército russo como correspondente de guerra. Deixou a Polónia após o ataque alemão ao país em setembro de 1939 e fixou residência na cidade de Lvov, ocupada pelos soviéticos, e depois na URSS. Cf. livro da série *Współczesne życiorysy Polaków – Wanda Wasilewska*, de Helena Zatorska. Warsaw: ISKRY, 1977.

Os aviões russos nos entregavam os armamentos. Comida não precisávamos porque tínhamos bastante. Havíamos combinado de fazer uma fogueira no bosque, à noite, usando uma combinação de letras, para os aviões chegarem na mão certa. Neste bosque era muito difícil para os alemães entrarem com soldados porque não sabiam onde estavam os *partisans*. Sabiam que estávamos no bosque, mas em que lado do bosque? Procurar no bosque era difícil, tinham medo. Podiam entrar com fuzis, metralhadoras e granadas, mas com tanque não. Sabiam que estávamos no bosque, mas em qual parte eles não sabiam. A nossa indicação [sinais] para os russos eram as fogueiras. Isso foi bom!^A

Ficamos naquele bosque grande até 1944. Lembro que a perna de minha mãe congelou e ela não podia usar sapato. Ela superou isso e viemos para o Brasil, onde ela e o meu pai faleceram. Conseguimos nos salvar graças a este esquema, que envolveu famílias inteiras, o que era muito difícil, não?

Em 1944, entraram os alemães no meio daquele inverno horrível, que foi a salvação da Rússia e do mundo inteiro. Imaginem se eles dominassem a Rússia! Depois, quando os russos entraram, em 1945, dissemos que éramos *partisans*. Ficamos mais tranquilos porque fomos salvos. Não voltamos para a nossa propriedade, tínhamos medo. Nunca mais voltamos! Apenas minha irmã retornou recentemente, faz uns dois anos.

A- Após a morte de Herzenberger em 26 de dezembro de 1943 em um confronto entre sua unidade e os alemães, a unidade de Bron voltou a integrar a *Armia Ludowa*, com uma parte significativa de judeus que operavam fora das bases, nas florestas de Lipsk, no inverno de 1943-1944. As unidades eram as seguintes: grupo de Lenek, uma unidade mista de judeus e russos com 43 combatentes; unidade Grzybowski; unidade de Jastrzab; unidade de Bohdan; e a unidade de Prohor, totalmente judia. A essa altura, a unidade de Abraham Bron contava com aproximadamente 25 caças, além dos partidários Prohor ou Prohors (um não judeu), Zysmilch, Hirsh Brones e Yehoshua Kleinman. No inverno e na primavera de 1944, as unidades judias ganharam novos membros: 26 prisioneiros que escaparam do campo de trabalho de Klemensow, perto de Szczepieszyn, 13 prisioneiros que escaparam do campo de trabalho de Budzyn e oito fugitivos do campo de trabalho de Skret (Kraśnik). Cf. "Remembering the Jewish Partisans in Poland's Lublin District". Disponível em: <<http://chelm.freeyellow.com/partisans.html>>. Acesso em: 15 out. 2019.

Sobreviventes após a guerra

Os americanos montaram campos para recolher todos os sobreviventes do Holocausto e da guerra. A United Nations

Relief and Rehabilitation Administration (UNRRA),^A ajudava com isso. Saímos desse campo [*Lager*] e fomos para Łódź, na Polônia, e dali para uma cidade que não me lembro o nome, já na fronteira da Alemanha. Neste momento, já após a guerra, sabíamos que os sobreviventes podiam se inscrever para arrumar um lugar para onde quisessem ir, onde tinham parentes.

Escolhemos o Brasil, onde meu cunhado tinha dois irmãos aqui residentes. Mas, eles nos avisaram que o Brasil não deixava entrar judeus. Como o governo do presidente Getúlio Vargas não permitia que judeus sobreviventes da guerra entrassem no país, fomos para a Bélgica, e aguardamos por três meses a chegada do navio Amerigo Vespucci, vindo da Itália. Nosso destino era a Bolívia, via Chile.

A- United Nations Relief and Rehabilitation Administration (UNRRA): A Administração das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação foi criada em novembro de 1943 para ajudar os refugiados que fugiam das agressões cometidas pelos países do Eixo. A UNRRA foi responsável por administrar os campos de DP, prover assistência social e serviços de saúde, entretenimento e treinamento profissional. No final de 1945, administrava dois terços dos centros de trânsito e campos de DP na Alemanha Ocidental. Em 1947, foi gradualmente dissolvida e a responsabilidade pelos refugiados foi assumida pelo Comitê Preparatório da Organização Internacional para os Refugiados. Em 1948, fechou seus escritórios restantes na Europa, Ásia, Austrália e América Central e do Sul. Fonte: www.yadvashem.org. Acesso em: 14 out. 2019.

3

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S. C. 129

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso SZYMON BRAND BURSZTYN
Admitido em território nacional em carácter PERMANENTE
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 9 letra do dec. n. 7967, de 1945
Lugar e data do nascimento Polónia em 5 de julho de 1934
Nacionalidade polonesa Estado civil solteiro
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jankiel Brand e
Raizla Bursztyn Profissão industrial
Residência no país de origem Rua Santa Cruz 428, La Paz
NOME IDADE SEXO

FILHOS
MENORES
DE 18 ANOS

SALVOCONDUCTO
Expediente n. 04529 expedido pelas autoridades de Min. Imigração
da Bolívia em La Paz na data de 22 de setembro 1953
visado sob n. 738

ASSINATURA DO PORTADOR
Szymon Brand

Embaixada do Brasil
em La Paz, em 4 de novembro de 1953
O CONSUL
Paulo S. S. S.

NOTA: Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

Ficha consular de qualificação de Szymon Brand, filho de Rayzla Bursztyn e de Jankiel Brand, com vistos emitidos pela embaixada do Brasil em La Paz, 4 de novembro de 1953.

Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso RAYZLA BURSZTYN DE BRAND
Admitido em território nacional em caráter TEMPORÁRIO
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 7 letra a do dec. n. 7967, de 1945
Lugar e data do nascimento Polonia em 15 de julho de 1907
Nacionalidade polonesa Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Leiba Bursztyn e
Zlata Bursztyn Profissão labores domésticas
Residência no país de origem Rua Santa Cruz 428, La Paz

NOME IDADE SEXO

FILHOS
MENORES
DE 18 ANOS

SALVOCONDUITO
Passaporte n. 04619 expedido pelas autoridades de Min. Imigração
da Bolívia em La Paz na data de 22 de dezembro 1953 Consul Embaixada do Brasil
visado sob n. 14 em La Paz, em
11 de janeiro de 1954
ASSINATURA DO PORTADOR:
Rayzla Brand
O CONSUL:
[Assinatura]

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Fichas consulares de qualificação de Rayzla Bursztyn e de Jankiel Brand, pais de Szymon Brand, com vistos emitidos pela embaixada do Brasil em La Paz, 11 de janeiro de 1954 e 16 de abril de 1952, respectivamente. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

4362
REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO
MODELO S.C. 139

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Jankiel Brand Brand
Admitido em território nacional em caráter temporário
(temporário ou permanente)
Nos termos do art. 7 letra a do dec. n. 7.967, de 1945
Lugar e data do nascimento Polonia 1 de maio de 1902
Nacionalidade polonesa Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Simon Brand e Ita
Brand Profissão elétrico
Residência no país de origem Rua Santa Cruz 428, La Paz

NOME IDADE SEXO

FILHOS
MENORES
DE 18 ANOS

Passaporte n. 008220 expedido pelas autoridades de Min. Imigração
da Bolívia em La Paz na data de 5 de abril de 1952 Consul Embaixada do Brasil
visado sob n. 163 em La Paz, em
16 de abril de 1952
ASSINATURA DO PORTADOR:
Jankiel Brand
O CONSUL:
[Assinatura]

NOTA—Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.



Zsymon Brand Bursztyn

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Ester Brand de Sztamfater
Admitido em território nacional em caráter temporário
Nos termos do art. 7 letra a do dec. n. 7.967, de 1945
Lugar e data de nascimento Krasnik em, 6 / maio / 1929
Nacionalidade polaca Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jankiel Brand e Reizea Bursztyn Profissão doméstica
Residência no país de origem Rua Santa Cruz 428, La Paz

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 003623 expedido pelas autoridades de Min. Imigração da Bolívia em La Paz na data de 2 de agosto de 1951 visado sob n. 344

ASSINATURA DO PORTADOR:
Ester Sztamfater

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e entregue pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

MODELO S.C. 130

XXXXXXEmbaixada do Brasil em La Paz, em 8 de agosto de 1951
O CONSUL:
Albuquerque



Fichas consulares de qualificação de Esther Brand Sztamfater e Andzia Brand de Glikson, com vistos emitidos pela embaixada do Brasil em La Paz, 8 de agosto de 1951 e 18 de março de 1952, respectivamente. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Andzia Brand de Glikson
Admitido em território nacional em caráter temporário
Nos termos do art. 7 letra a do dec. n. 7.967, de 1945
Lugar e data de nascimento Krasnik, Polónia, 8 março 1926
Nacionalidade polonesa Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jankiel Brand e Reizea Bursztyn Profissão doméstica
Residência no país de origem Rua Santa Cruz 428, La Paz

NOME IDADE SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 003993 expedido pelas autoridades de Min. Imigração da Bolívia em La Paz na data de 6 de março de 1952 visado sob n. 110

ASSINATURA DO PORTADOR:
Glikson Andzia

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e entregue pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

MODELO S.C. 130

XXXXXXEmbaixada do Brasil em La Paz, em 18 de março de 1952
O CONSUL:
Amij de Almeida



Vozes do Holocausto

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso MINDLA BRAND DE BRON
Admitido em território nacional em caráter T E M P O R A R I O
(temporário ou permanente)

Nos termos do art. 7.º, letra a, do dec. n.º 7967 de 1945
Lugar e data de nascimento Polónia, 20 de outubro de 1924.
Nacionalidade bol-natural Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Jankiel Brand e
Rasla Brand Profissão lab. domesticas
Residência no país de origem Rua Yungas 272, La Paz, Bol.

NOME _____ IDADE _____ SEXO _____

FILHOS _____
MENORES _____
DE 18 ANOS _____

Passaporte n.º 747.- expedido pelas autoridades de Polícia de
La Paz, Bolívia na data 15 de fevereiro de 1958
visado sob n.º 143.-

ASSINATURA DO PORTADOR: Mindla Brand de Bron

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Embaixada do Brasil
em La Paz, em
28 de fevereiro 1958
o cônsul Maurício Brand de Bron

NOTA - Esta ficha deve ser apresentada à autoridade consular, sendo em duas vias sua original.

Ficha consular de qualificação de Mindla Brand de Bron, esposa do *partisan* Abraham Bron, com visto emitido pela embaixada do Brasil em La Paz, 28 de fevereiro de 1958. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

N.º _____ DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ESTRANGEIROS Ficha nº 2
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

NOME: ABRAHAM BRON UMPLAT
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE (Art. 35, Dec. 7967/45, C/C Art. N.º 14 DA PORTARIA, 10.463 de 24-8-45)
Nacionalidade: BOLIVIANA, NAT. DE KRASZNIK - POLONIA
Data do nascimento: 2-12-1902 Estado civil: CASADO
Pai: - - - - Mãe: - - - -
Profissão: COMERCIANTE
Registro Geral N.º 2.503.237 Carteira N.º 531.588 (exp. em 23-10-58)
Residência: RUA TOCANTINS, N.º 319, APT. 4 - CAPITAL
Emprego: - - - -
Local: 24-10-1958

S. G. - 4-58 - S.A.C. - S.S.P. - Mod. 102 - 20.000

Delegado Especializado de Estrangeiros [Assinatura]

Registro de estrangeiros de Abraham Bron, que emigrou para o Brasil, casado com Mindla Brand, irmã de Zsymon Brand. Delegacia Especializada de Estrangeiros, S. Paulo, 24 de outubro de 1958. Acervo: Deops/SP-APESP; Arqshoah/Leer-USP.

Da Bolívia para o Brasil

Chegamos à Bolívia em 1950, auxiliados por várias pessoas que queriam ajudar por terem também passado por dificuldades. Não viveram a guerra, mas sabiam que os judeus passaram por dificuldades. Lembro-me que 1950 era o ano do Campeonato Mundial de Futebol no Brasil. Meu cunhado Cirieli Sztamfater e minha irmã Esther resolveram vir para o Brasil, momento que aproveitaram a oportunidade para arrumar um advogado. Aproveitaram-se do fato de meu cunhado ter dois irmãos residindo no Brasil e com um documento “Modelo 19”.

Eu fiquei em La Paz, na Bolívia, por três anos, trabalhando como mascate nas ruas. Logo, minha irmã mandou uma carta de chamada e assim viemos para o Brasil em 1953. Meus pais vieram um ano depois. Em S. Paulo, trabalhei vendendo mercadorias nas ruas. No primeiro dia não fiz nenhum freguês, e no segundo já melhorou. Voltei para a casa da minha irmã, deitei na cama e comecei a chorar, pois não estava acostumado. Eu comecei a chorar sozinho, porque queria voltar para a Bolívia. Minha irmã me disse: “Um dia assim, e no outro dia você vai melhorar!”

Com o tempo, comecei a fazer freguesia e consegui mais clientes. Conheci Samuel Klein, dono das Casas Bahia. Nesta época, eu trabalhava em S. Caetano do Sul e ele também. Foi quando ele comprou uma charrete com cavalos e depois eu comprei outra. Mas, quando chovia eu não podia trabalhar. Fiquei trabalhando assim por uns três anos e meio. Depois vendi [passei] a minha clientela para um outro vendedor.

Conheci minha futura esposa Sarah Helena Broncher, depois Brand, em Campinas, assim como seu pai Chaim Korn. A família tinha uma loja e os parentes também haviam sobrevivido à guerra. Tivemos três filhos e hoje tenho seis netos. Eu me estabeleci na Rua Carmo Cintra, uma travessa da José Paulino, onde instalei uma lojinha de malharia. Compramos máquinas, depois outras e assim criei a Malharia Helentex Ltda. Assim recomecei...

Lembranças que ficaram

Resumindo: O que a gente passou precisa de muito tempo para lembrar. Minha infância me faz lembrar tudo! Lembro-me de que quando eu morava em Kraśnik, a gente fazia pinga de batata de diversos tipos e eu ia ao centro da cidade com uma sacola na mão, isso depois da guerra. Saía para vender, mas era proibido; se a polícia pegava, eu fazia um sinal com as mãos, para dizer que tinha vodca para vender. Quando morávamos na Alemanha, no *Lager*, eu jogava futebol.

De toda minha família, perdemos primos, quatro crianças e dois irmãos de minha mãe. Perdemos mais, quando já estávamos no final da guerra. Eu tinha 8 anos em 1940 e me lembro até hoje. Tem noites que fico gritando e sonhando com essas coisas da guerra. Acredita nisso? Eu era um menino, um menino lógico, mas que com 11 anos manobrava todos os tipos de armas. Eu fazia apenas isso. Fazia, pois não queriam confiar armas nas mãos de uma criança. Até hoje sonho com o que passamos na guerra.